

# Ilha errante: um ensaio sobre *Herança* de Thiago Rocha Pitta

*Errant Island: an essay on "Heritage"*  
by Thiago Rocha Pitta

LILIAN DE CARVALHO SOARES\*

Artigo completo submetido a 13 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro de 2015.

\*Artista visual, fotógrafa. Mestre em Ciência da Arte, Especialista em Práxis e Discurso Fotográfico, Graduada em Educação Artística.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Belas Artes (EBA), Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV). Av. Pedro Calmon, n.º 550. Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 701. Cidade Universitária / Ilha do Fundão. Rio de Janeiro, RJ, CEP: 21941-901, Brasil. E-mail: liliansoares22@gmail.com

**Resumo:** Este artigo pretende fazer uma reflexão ensaística sobre o trabalho “Herança” de Thiago Rocha Pitta, artista contemporâneo brasileiro a partir de um olhar poetizado e traçando um diálogo entre o conceito foucaultiano de heterotopia, as reflexões de Santiago Navarro sobre deriva, o conto Terceira Margem do Rio de Guimarães Rosa e o texto “Causas e razões das ilhas desertas” de Deleuze.

**Palavras chave:** Ilha / Herança / Deriva

**Abstract:** From a poetic point of view and tracing a dialogue between Foucault's concept of heterotopia, the reflections of Santiago Navarro on drift, the *Third Margin of the River* by Guimarães Rosa and the text “*Causes and reasons of the deserted islands*” by Deleuze, this paper aims to make an essayistic reflection on the work “*Heritage*” of Thiago Rocha Pitta, Brazilian contemporary artist.

**Keywords:** Island / Heritage / Drift.

## Introdução

Thiago Rocha Pitta é um artista contemporâneo brasileiro, nascido em 1980 no estado de Minas Gerais, que trabalha com diversas mídias, desde pintura, passando por escultura e vídeo. Atualmente Thiago vive e trabalha em no estado de

São Paulo e mais recentemente produziu um vídeo intitulado "Atlas/Oceano" (2014). Seus trabalhos são um diálogo com a dinâmica da natureza tais como gravidade, leveza, umidade. Além disso, reflexões sobre o desvio ou a paisagem também estão presentes nos seus trabalhos.

Dentre seus trabalhos, este artigo pretende fazer um ensaio poético sobre um trabalho não tão recente intitulado "Herança" (2007). O trabalho em questão é um convite para tornar-se caminhante sem rumo, guiado por uma rosa-dos-ventos sem norte. O navegar é um fim em si mesmo, no genuíno estado do perdido. "Herança" é esta ilha desafixada de duas árvores deambulando mar a dentro. Por meio de um olhar poetizado e traçando um diálogo entre o conceito foucaultiano de heterotopia, as reflexões de Santiago Navarro (2011), o conto Terceira Margem do Rio de Guimarães Rosa (2001) e o texto "Causas e razões das ilhas desertas" de Deleuze (2006), este artigo pretende fazer um ensaio sobre este trabalho de 2007 no intuito de compreendê-lo como a construção de uma Ilha Errante.

### 1. Ilha Errante

Na imagem (Figura 1): um barco, duas árvores, o mar. A errância da embarcação é vestígio do constante sentimento de partida. No balançar marinho as folhas, elemento de aparente incoerência com a paisagem, acenam um adeus. *Herança* é esta ilha desafixada de duas árvores deambulando mar a dentro. Brota na imagem de *Herança* este espaço lacunar, vacante. E as palavras como um sopro procuram imergir neste convite à prática da deriva, nesta imagem-desejo de estar em algum lugar ali onde a embarcação navega com seu pedaço de continente.

Como não estranhar essas árvores quase humanizadas dançando ao sabor dos ventos e das ondas? Em uma avaliação talvez precipitada nos remeteremos as narrativas bíblicas de Noé. Contudo, a medida que a imagem vai no tempo nuanças da imagem vão eclodindo ao olhar e ao pensamento. As árvores não estão sendo salvas de um dilúvio eminente, elas estão ali, dentro daquela canoa, nem larga, nem fina, mas resistente ao tempo. Para onde seguem?

A canoa carrega o vestígio de um continente e na mesma medida é uma espécie de utopia efetivamente realizada. Naquele pequeno espaço todos os lugares se encontram simultaneamente representados. Nesta mínima parte do mundo, neste pedaço continente todos os lugares estão representados, todos os espaços deambulam. Trata-se de uma utopia realizada, poderíamos por meio de uma abordagem foucaultiana dizer: heterotopia a deriva. O tempo escorre e o espaço brota. Espaço e tempo escapam a materialidade deste mínimo mundo a navegar.



**Figura 1** - Thiago Rocha Pitta, *Herança*, 2007. (vídeo 11')

Somos, diante deste todo que é parte, um adeus constante. Não podemos alcançar este pedaço deambulante de lugar. *Herança* torna-se prisioneira de sua própria partida e na mesma medida é sua mais sublime libertação, pois navega sem destino, sem rumo. Esta parte de continente está entregue ao “rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior de tudo.” (Foucault, 2013:12). As duas árvores acenando adeus pertencem a este lugar entre lugares, entre espaços. Esse deslocamento existencial de território sinaliza um deslocar-se de nós mesmos, uma espécie de separação absoluta.

A herança aponta para este legado do tempo e de uma liberdade de alcançar a terceira margem, esta linha invisível, mas presente de um lugar além. Há um abismo de lugar, que não está nem nas águas do mar, nem no terreno da costa. O entrelugar desta imagem carrega uma solidão e perambula em uma existência que ora se mostra, ora desaparece. A condição quase humana deste pedaço de continente passa a encontrar-se no inconstante. E desfazendo-se da linha que percorre, desencontra a si mesmo, e renasce um novo habitat em meio a deriva poética. Há nesta imagem a terceira margem roseana é um despertar do navegar sem rumo, do perdido, como uma e rosa-dos-ventos sem norte, sul, leste ou oeste. Há apenas essa enigmática embarcação a deambular gentilmente.

As pequenas embarcações têm com o corpo esta proximidade: carregam essa energia cósmica de serem uma espécie de ilha da impermanência onde a única morada possível é um estado de constante “flutuação”. As ilhas, por sua vez, carregam esse poder mítico de serem uma miniatura do mundo, um lugar de re-começo ao mesmo tempo que carregam a essência da origem – de uma segunda origem, diria Deleuze (2006). É esta condição imaginante que permite o distanciamento da realidade, faz brotar um ser em vertigem. A narrativa dos seres que habitam esse casulo aquático cria um lugar de “espaços do rio de meio a meio” (Rosa, 2001:75). A canoa não aporta em “nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio” (Rosa, 2001:77). Nesta linha silenciosa uma terceira margem se constrói a partir do incessante deslocamento. Nos alojamos nos desejos errantes, nos instantes lacunares em que sua matéria cósmica carrega esta essência de coisa sem margem. Passa a viver neste espaço separado do continente, torna-se fissura cigana. A geografia deste casulo de continente compõe-se do imaginário da transmutação do homem em ilha, um homem que se encontra separado do mundo. “Na ilha deserta, uma tal criatura seria a própria ilha deserta à medida que ela se imagina e se reflete em seu movimento primeiro.” (Deleuze, 2006:19) Na existência à deriva somos poetas navegando e coexistindo com essa natureza líquida. Esta geografia transmuta este pequeno barco com duas árvores em objeto vagueante. A morada instável é mar e canoa.

*A ilha é o que o mar circunda e aquilo em torno do que se dão voltas, é como um ovo. Ovo do mar, ela é arredonda. Tudo se passa como se ela tivesse posto em torno de si o seu deserto, fora dela. (...) A ilha é o mínimo necessário para esse recomeço, o material sobrevivente da primeira origem, o núcleo ou o ovo irradiante que deve bastar para re-produzir tudo.* (Deleuze, 2006: 21)

Neste sonhar ilha, tornar-se errante está na essência dessas instâncias que se dinamizam no rompimento do elo entre aquilo que somos na margem e aquilo que nos tornamos ao nos transformamos a partir da mínima parte o próprio mundo. Há aí um espaço que não se narra, não se descreve. Tudo é apenas um vestígio de um acometimento impossível de ser visto ou dito. Há a liberdade da força criadora, de um estado de entrega ao interminável, de um algo presente apenas no silêncio de uma solidão pura. Em *Herança* o que se transmite é essa consciência.

#### **Referências**

Deleuze, Gilles (2006) *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras. ISBN: 85-7321-248-9  
Foucault, Michel (2013) *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva. ISBN:978-85-273-0109-1  
Navarro, Santiago García (2011) *73 notas sobre a deriva (fragmentos)*. São Paulo: MAM 32o

Panorama da Arte Brasileira.  
Rosa, Guimarães (2001) *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. ISBN: 978-85-209-3915-4  
Pitta, Thiago Rocha. [Consult. 2015-01-10]. Disponível em: URL: [www.thiagorochapitta.com/](http://www.thiagorochapitta.com/)